

TUDO ME LEVA ATÉ VOCÊ

Da mesma autora de *Estamos bem*

Nina LaCour



Melhor Ficção do Ano pela
Young Adult Library Services
Association (YALSA),
Estados Unidos

PLATA
FORMA 21

Table of Contents

1. Folha de rosto
2. Créditos
3. Parte 1 - A vastidão
 1. Capítulo um
 2. Capítulo dois
 3. Capítulo três
 4. Capítulo quatro
 5. Capítulo cinco
 6. Capítulo seis
 7. Capítulo sete
 8. Capítulo oito
 9. Capítulo nove
4. Parte 2
 1. Capítulo dez
 2. Capítulo onze
 3. Capítulo doze
 4. Capítulo treze
 5. Capítulo catorze
 6. Capítulo quinze
 7. Capítulo dezesseis
5. Parte 3
 1. Capítulo dezessete
 2. Capítulo dezoito
 3. Capítulo dezenove
 4. Capítulo vinte
 5. Capítulo vinte e um
 6. Capítulo vinte e dois
6. Agradecimentos
7. Sua opinião é muito importante

Nina LaCour

TUDO ME LEVA ATÉ VOCÊ

Tradução
REGIANE WINARSKI

PLATA
FORMA 21

TÍTULO ORIGINAL *Everything Leads to You*

Copyright © 2014 by Nina LaCour

Originally published by Dutton Books, an imprint of Penguin Group (USA) LLC. Published by arrangement with Pippin Properties Inc. through Rights People, London. Publicado originalmente por Dutton Books, um selo da Penguin Group (EUA) LLC. Publicado mediante acordo com Pippin Properties Inc. mediado por Rights People, Londres.

Esta edição é baseada na edição de *Everything Leads to You* publicada em 2022 pela Dutton Books, nos Estados Unidos.

© 2023 VR Editora S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da VR Editora

DIREÇÃO EDITORIAL Marco Garcia

EDIÇÃO Tháise Costa Macêdo

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Andréia Fernandes

PREPARAÇÃO Marina Constantino

REVISÃO Vic Vieira Ramires

DIAGRAMAÇÃO Balão Editorial e Pamella Destefi

DESIGN DE CAPA Kristie Radwilowicz

ADAPTAÇÃO DE CAPA Natália Tudrey

ARTE DE CAPA © 2021 by Adams Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LaCour, Nina

Tudo me leva até você [livro eletrônico] / Nina LaCour; tradução Regiane Winarski. – Cotia, SP:

Plataforma21, 2023.

ePub

Título original: Everything leads to you.

ISBN 978-65-88343-65-4

1. Ficção juvenil 2. Ficção norte-americana 3. LGBT – Siglas I. Título.

23-179033 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

Todos os direitos desta edição reservados à

VR EDITORA S.A.

Via das Magnólias, 327 – Sala 01 | Jardim Colibri

CEP 06713-270 | Cotia | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4702-9148

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Parte 1

—

A VASTIDÃO

Capítulo um

Tem cinco mensagens de texto me esperando quando saio da prova de inglês. Uma é de Charlotte dizendo que ela terminou mais cedo e decidiu se encontrar com nossa chefe e que me vê na casa do Toby mais tarde. Uma é de Toby, dizendo *19h: não esquece!* E tem três de Morgan.

Essas eu não leio ainda.

Saio do campus e ando alguns quarteirões até onde estacionei o carro, uma tentativa de evitar o congestionamento diário de fim das aulas. Mas é claro que o lado do motorista não destranca quando eu giro a chave, então tenho que ir até o lado do passageiro, abrir a porta e me esticar por cima do assento para abrir a tranca do outro lado, depois fechar a porta do passageiro e contornar o carro até o lado do motorista de novo... e quando termino esse processo de vinte segundos, os carros já estão enfileirados no sinal. Então embico o carro para a rua, pego o celular e leio o que Morgan escreveu.

Vc está bem?

Vc vem ao estúdio mais tarde?

Estou com saudades.

Não respondo. Eu vou direto para o cenário, mas não para vê-la. Preciso medir o vão entre um piano e uma estante para ver se a estante de partitura que encontrei no Abbot Kinney Boulevard ontem vai abarrotar demais o ambiente. A estante de partitura é linda. Tão linda que, se não couber, vou arrumar outra estante de livros ou vou rearrumar os móveis por completo, porque aquilo é exatamente o que eu teria na minha sala de ensaio se soubesse tocar um instrumento. E se pudesse comprar uma estante de partitura de novecentos dólares.

Quando o sinal abre e eu passo com o carro devagar pelo cruzamento, estou tentando ignorar as mensagens de Morgan e pensar só na estante de partitura. Essa estante é um milagre. É exatamente o que eu nem sabia

que estava procurando. A parte onde vai a partitura é de um verde oxidado perfeito. Quando enviei para a minha chefe uma foto da estante, ela respondeu *Do caralho!!!!* Um palavrão e quatro exclamações. E quando mandei uma mensagem para Morgan dizendo que era a última vez que eu me permitiria levar um fora dela, que terminar e voltar seis vezes já era loucura e que não havia possibilidade de eu a aceitar de volta uma sétima vez, ela respondeu com *Eu não sei o que fazer!* Indecisa e só um pouco empática. Tão típico.

Mas a estante de partitura, a estante de partitura.

Quando viro à direita em La Cienega, meu celular toca e é Charlotte.

– Você precisa vir aqui – diz ela.

– Aonde?

– Ginger me trouxe pra uma venda de imóvel.

– Boa?

– Você tem que vir.

– Alguém famoso?

– É – diz ela.

– Parece divertido, mas eu preciso tirar medidas pra estante de partitura.

– Emi – diz ela. – Confia em mim. Você precisa vir pra cá agora.

Anoto o endereço, faço o retorno e sigo na direção de Hollywood Hills. Dirijo pela Sunset e abro todas as janelas, em parte porque o ar-condicionado não está funcionando e está fazendo 32 graus, mas mais porque estou passando por palmeiras e centenas de salões de beleza e *food trucks* vendendo tacos e restaurantes de rosquinhas e lojas de roupas e casas noturnas, e gosto de observar tudo e pensar que Los Angeles é o melhor lugar do mundo.

Eu entro onde meu telefone me diz para entrar e começo a subir a colina, onde as vias ficam mais estreitas e as casas ficam mais caras. Sigo para mais alto do que já fui, até que as casas não só se tornam muito

maiores e mais bonitas do que as casas já grandes e bonitas abaixo, mas também mais espaçadas. E, por fim, entro num caminho que tenho certeza que nunca viu um carro velho com trancas que não funcionam.

Estaciono sob os galhos de árvores velhas e lindas que estão cheias e verdes apesar da chegada do verão, saio do carro, me encosto no para-lama e olho a casa. Meu trabalho me levou a muitas casas ridiculamente bonitas, mas esta se destaca. É mais velha e mais grandiosa, mas tem algo a mais nela. É diferente. Mais importante. Não estou pensando em Morgan, estou pensando em quem pode ter sido o dono da casa. Devia ser alguém velho, o que é bom, porque esse tipo de venda de propriedade significa que alguém morreu, e é triste remexer em coisas de pessoas de trinta anos e pensar no futuro que poderiam ter tido.

A porta dupla da frente se abre e Charlotte sai para a luz do sol. Ela usa a calça jeans dobrada até os tornozelos e o cabelo louro preso em marias-chiquinhas, e o rosto está meio sério, meio exaltado.

– Adivinha – diz.

Tento pensar em quem morreu nas últimas semanas. Penso primeiro na avó do nosso professor de física, mas duvido muito que ela morasse numa casa como aquela. Penso em outra pessoa, mas não digo nada porque é uma ideia louca. Essa morte é uma coisa impactante. Do tipo que aparece na primeira página. Do tipo que está sendo noticiada cada vez que ligo o rádio.

Mas tem a casa, que obviamente é uma casa importante, e as árvores antigas e lindas, e a boca de Charlotte, que está tremendo com o esforço gigantesco de não sorrir.

Além do mais, não está lotada de gente, o que significa que é algum tipo de prévia para a qual Ginger foi convidada porque ela é uma designer de produção famosa e sempre é chamada para coisas assim primeiro.

– Puta merda – digo.

Charlotte começa a assentir.

– Você não está falando sério.

As mãos dela voam até o rosto porque ela está eufórica, com a risada delirante de quem passou a última hora na casa de um homem que supostamente foi o ator mais emblemático do cinema americano.

Clyde Jones. Ícone dos filmes americanos de Velho Oeste.

Ela se encosta na casa, se curva para a frente, desliza até o piso de mármore. Permito que ela tenha um dos raros ataques de riso histéricos enquanto absorvo tudo. Não consigo pensar em expletivas suficientes para capturar o momento com perfeição. Eu precisaria de uma tonelada de pontos de exclamação. Então, só fico olhando boquiaberta, pensando no homem que morava ali.

A histeria de Charlotte passa, e em pouco tempo ela está de pé, recomposta, novamente a mulher excepcional que vai se formar em museologia.

– Entra – diz ela.

Eu paro na entrada colossal. Do lado de fora está claro e quente, um dia lindo de Los Angeles. Dentro está mais escuro. Sinta o ar condicionado escapando. Apesar de ser uma oportunidade maravilhosa que nunca vai se repetir, não sei se devo avançar mais. A questão é a seguinte: eu e meu irmão, Toby, falamos o tempo todo sobre o que os filmes fazem. Eles conversam com os nossos desejos, que nunca são pequenos. Permitem que escapemos e sonhemos e olhemos em olhos enormes e de beleza inacreditável. Quando se mora em Los Angeles e se trabalha com filmes, acaba-se vivenciando o colapso de uma parte dessa fantasia. Percebemos que os olhos brilham assim por causa de luzes posicionadas em um ângulo específico e vemos as atrizes de perto, e, sim, elas são lindas, mas parecem tão humanas e imperfeitas como todos nós.

Mas aquilo é diferente.

Porque mesmo que se saiba um pouco demais sobre como filmes são feitos, sempre há coisas desconhecidas. É possível se agarrar ao mito que

cerca os atores; é possível ser puxada para a história.

O lugar de Clyde Jones é no Velho Oeste. O lugar dele é debaixo das estrelas, fumando cigarros caseiros e ouvindo o vento. Em *Muito tempo até amanhã*, ele morava em um chalé de madeira. Em *Terras baixas*, ele morava em uma picape verde e dormia na beira da estrada poucas horas de cada vez, procurando uma mulher do passado.

Clyde Jones é o salvador. O homem bom e descomplicado. O caubói perfeito. Mas, assim que eu passar por aquela porta, ele será um ator que passou a vida em uma mansão de Los Angeles. O colapso final da fantasia.

– Em? – diz Charlotte. Ela chega para a esquerda e sinaliza para que eu vá atrás dela. Não consigo resistir. Um momento depois, estou no saguão de Clyde Jones, a porta fechada atrás de mim, olhando para um dos objetos mais bonitos que já vi: um lustre que paira baixo, geométrico, prateado e brilhante.

Clyde Jones não era nenhum caubói, mas sua sensibilidade estética era incrível.

Ainda estou enlouquecida por causa da casa do Clyde quando Ginger passa por mim.

– Ah, que bom, Emi, você chegou. – Eu e Charlotte a seguimos até a sala.

– É – digo, parada sob o teto alto com vigas brancas, ao lado do que só pode ser um par de cadeiras Swan originais, colocadas debaixo de uma paisagem pastoral enorme com céu claro tão monumental quanto o céu dos filmes dele. – Acho melhor eu não ir para o estúdio hoje.

– Esses copos – diz Ginger, apontando, e Charlotte anda até um minibar reluzente e pega uma bandeja de copos altos. – Por que você não deveria ir ao estúdio? Ah, vou adivinhar: Morgan.

– Ela terminou comigo.

– De novo?

– Foi alguma coisa sobre não ficar presa. As vastas possibilidades da

vida.

– “As vastas possibilidades da vida.” Que baboseira – diz Charlotte, colocando os copos ao lado de um grupo de outros objetos lindos que Ginger já deve ter escolhido.

Digo “É”, mas só porque é o que Charlotte precisa que eu diga. Charlotte é o tipo de amiga que automaticamente odeia todo mundo que já me fez mal. Na primeira vez que voltamos depois que Morgan terminou comigo, Charlotte se esforçou muito para superar e ser legal com ela. Mas lá pela terceira vez, Charlotte ficou grosseira. Parou de dizer oi. Parou de sorrir perto dela. Agora, Charlotte não consegue nem ouvir o nome Morgan sem contrair a mandíbula.

Ginger me lança um olhar solidário.

– Está tudo bem – digo para ela. – Não quero mais saber de gente de cinema.

E aí, nós todas rimos, porque imagina. Que coisa ridícula de se dizer.

~

Quando Ginger termina de escolher o que quer, deixa que eu e Charlotte exploremos por um tempo para ver se encontramos alguma coisa que queremos comprar. Vamos parar no escritório de Clyde, que deve ser do tamanho do apartamento inteiro do meu irmão. Tem pé-direito alto sustentado por vigas grossas de madeira e uma parede inteira com portas de vidro deslizantes que dão para o terreno nos fundos. De todos os aposentos, esse é o que mais tem a atmosfera Velho Oeste. Tem uma mesa rústica enorme que ele devia usar como escrivaninha e uma coleção de poltronas de couro organizada em semicírculo virada para uma lareira enorme. Prateleiras cobrem uma parede de fora a fora, e sobre elas há centenas de prêmios, inclusive quatro Oscars junto com objetos dos filmes dele: chapéus de caubói, armas e fivelas de cinto feitas de prata.

A maioria das pessoas da nossa idade não conhece o Clyde ou não liga

muito para ele. A carreira dele acabou há muito tempo. Os seus personagens raramente eram sofisticados ou inteligentes; não há grandes atrativos para a minha geração. Mas o meu irmão tem um gosto eclético, e quando ele ama algo, fica quase impossível não amar junto. Por isso, ao longo dos anos, fui me apaixonando pelo momento em que Clyde aparece no horizonte, no saloon ou cavalgando pela grama alta na direção da mulher que ele ama.

Estar no escritório dele agora é ao mesmo tempo inesperado e inevitável. E, mais do que tudo, é *significativo*. Como todas as entradas de Clyde. Como se, sem saber, tudo que eu fiz estivesse convergindo naquele momento.

– Você está bem? – pergunta Charlotte.

Eu só faço que sim, pois como poderia descrever esse sentimento de uma forma que fizesse sentido? Não há lógica por trás dele.

Pego uma das fivelas de cinto. É mais pesada do que achei que seria, e mais bonita de perto: a silhueta lisa de um cavalo empinando com uma montanha e a lua minguante ao fundo.

– Vou ver quanto estão pedindo por isso – digo.

Charlotte inclina a cabeça.

– Você está escolhendo uma fivela de cinto?

– É para o Toby – digo, e Charlotte fica vermelha, porque ela sempre foi apaixonada pelo meu irmão. Isso me lembra de olhar o celular e vejo que temos que nos encontrar com ele em menos de duas horas.

Charlotte está olhando discos. Ela pega um de Patsy Cline.

– Eu não consigo botar isso na cabeça – diz. – Clyde Jones se sentava nessas poltronas e ouvia *este* disco.

Encontramos Ginger assinando um recibo de cartão de crédito de mais de vinte mil dólares, o que pode explicar por que, quando mostramos ao corretor a fivela de cinto e o disco de Patsy Cline, ele sorri para nós e diz:

– Presente meu pra vocês.

– Charlotte, você pode ligar para o Harrison?

Charlotte faz isso e entrega o telefone para o homem marcar a coleta, e aí voltamos para o caminho quente que leva à saída da casa de Clyde, nos afastando da casa dele para sempre.

~

Toby mora em um apartamento clássico com pátio de Los Angeles, como o que aparece no filme *Cidade dos sonhos*, do diretor David Lynch, que prefere se concentrar no lado mais sombrio da indústria do cinema, e também o que aparece em *Melrose*, que era uma série de televisão dos anos 1990 que se passava em West Hollywood, sobre a qual meu pai dá aula no curso de Cultura Pop de Los Angeles na UCLA. O pátio de Toby tem um gramado verdejante bem cuidado e um chafariz bonito, e da lateral do chalé dele dá para ver um pedacinho do mar. Nós entramos, e lá estão as coisas dele arrumadas, esperando ao lado da porta. Um conjunto de malas combinando que parece muito adulto.

Ele abraça nós duas. Eu primeiro, por muito tempo, Charlotte em seguida, mais rápido. Então fica de frente para nós e nos olha, meu irmão bronzeado com o sorriso torto e o cabelo preto sempre caindo nos olhos. Fico triste, mas afasto a tristeza por causa do que tenho para lhe contar.

– Toby – digo. – Nós passamos a tarde na casa do Clyde Jones.

– Você está de sacanagem – diz ele, os olhos arregalados.

– Não – diz Charlotte. – De jeito nenhum.

– A casa dele era cheia de coisas incríveis... – começo a dizer, mas Toby coloca as mãos sobre os ouvidos.

– Nãocontanãocontanãoconta – diz.

– Tudo bem.

– O colapso da fantasia – diz ele.

Eu sei, digo só com movimentos labiais, tudo muito exagerado para ele entender.

– Eu amo Clyde Jones – diz ele, abaixando as mãos.

Eu faço que sim.

– Nem mais uma palavra sobre o assunto – digo. – Mas tenho uma coisa pra você. Fecha os olhos.

Meu irmão faz o que eu mandei e estica as mãos em concha. Finjo que não reparo em Charlotte olhando para ele e coloco a fivela de cinto nas mãos dele. Ele abre os olhos. Não diz nada. Eu me pergunto se escolhi o objeto errado, e aí percebo que há lágrimas surgindo.

– Ah, por favor – digo.

– Puta. Merda. – Ele pisca rapidamente para se recompor. Aí, corre até a estante cheia de DVDs e pega um. Está murmurando sozinho enquanto liga a televisão e espera que a seleção de capítulos apareça na tela. – Porta do saloon... Eu sou um homem da lei, mas isso não me torna honesto... Por essas partes... Isso!

Ele encontrou a cena e nos esprememos no antigo sofá dos meus pais, eu no meio agindo como amortecedor para a tensão sexual entre o meu irmão e a minha melhor amiga.

Toby aperta o play e aumenta o volume. Reconheço como sendo *Os estranhos*, mas só vi esse filme duas vezes e esqueci muito do que acontece. A cena começa com um tiro na porta do saloon. Ouvimos as vozes das pessoas lá dentro, mas a câmera não se vira para elas. Quando uma pessoa importa tanto assim, tudo o que se pode fazer é esperar sua chegada. As botas aparecem embaixo da porta, um chapéu acima. A porta de vaivém se abre e ali está Clyde Jones.

A tela é tomada do close de um rosto jovem cheio de sabedoria, protegido por um chapéu de caubói. Ele passa os olhos pelo salão até encontrar o xerife, bebendo a uma mesa com um dos bandidos. A câmera desvia para as botas de caubói dele pisando no chão de madeira gasta na direção do xerife e do amigo, que se levantam da mesa e puxam as armas assim que veem Clyde.

Sem se abalar, Clyde diz: “Eu achava que você era um homem da lei”.

Xerife: “Eu sou um homem da lei, mas isso não me torna honesto”.

O caubói malvado não diz nada, mas tem uma expressão quase maníaca quando aponta a arma para Clyde.

Clyde diz: “Por essas partes, a ilegalidade é uma doença. Eu tenho uma leve desconfiança de que sei como curá-la”.

A câmera desce até o coldre, e Toby grita “Olhem!” e aperta o pause. Ali está a fivela do cinto: o cavalo, a colina, a lua.

– Que incrível! – diz Charlotte.

– Toby. Estou preocupada de verdade com você. De todos os filmes de Clyde Jones e de todas as fivelas de cinto, *como* você sabia que essa fivela era dessa cena desse filme? – digo.

Mas Toby está fazendo uma dança pela sala, me ignorando, adorando a glória da sua nova posse.

– Obrigado, obrigado, obrigado – cantarola.

Depois de um tempo, Toby se acalma o suficiente para podermos ver o resto do filme, que passa rapidamente. Clyde mata todos os bandidos. Fica com a garota. Fim.

– Tudo bem – diz Toby. – Eu chamei vocês duas aqui por um motivo. Venham até a mesa.

Estou tentando me agarrar à sensação boa da última hora, mas a verdade é que estou ficando triste de novo. Toby está prestes a ir passar dois meses pesquisando locações pela Europa para um filme que vai começar a ser rodado em breve. É idiotice minha; são só dois meses, e para ele é uma promoção enorme. Mas Toby e eu passamos muito tempo juntos e parece um grande problema. Além do mais, ele vai perder a minha formatura, uma coisa que não devia me incomodar porque já superei o ensino médio há muito tempo. Mas eu me importo um pouquinho.

Toby abre a porta da cozinha para o pátio e o ar da noite entra. Ele serve

o chá gelado que compra em um restaurante etíope da esquina. As pessoas de lá o conhecem e vendem o chá em uma jarra de plástico que ele leva de volta para reencher a cada dois dias. Eles não fazem isso para mais ninguém, só para Toby.

Quando nos sentamos em volta da mesa redonda da cozinha, ele diz:

– Lembram que eu botei um anúncio para sublocar a minha casa? Então, recebi um monte de respostas. Tinha gente disposta a gastar uma grana *absurda* só pra morar aqui por dois meses

– Claro – digo. Afinal, está na cara. A casa dele é pequena, mas é adorável. É uma mistura agradável dos móveis velhos e gastos da mamãe e do papai e descartes de produções nas quais eu trabalhei e coisas que pegamos em bazares de jardim de Beverly Hills, onde as pessoas ricas vendem coisas caras por um preço baixo. Fica a poucos quarteirões de Abbot Kinney e mais alguns quarteirões da praia.

– É – diz ele. – Pareceu que ia dar certo. Mas aí, tive uma ideia melhor.

Ele toma um gole do chá. O gelo tilinta. Charlotte se inclina para a frente na cadeira. Eu, no entanto, me encosto. Sei que o meu irmão, o mestre das boas ideias, está esperando o momento certo para revelar seu plano mais recente.

Por fim, ele diz:

– Eu vou deixar vocês ficarem aqui.

– O quêêêêêê? – digo.

Charlotte e eu nos viramos uma para a outra, como se para confirmar que nós duas ouvimos a mesma coisa. Balançamos a cabeça, maravilhadas. E não consigo evitar: penso na terceira vez que Morgan terminou comigo, quando o motivo dela foi eu ser mais nova (só três anos!) e morar com meus pais. Faria diferença para ela se eu morasse ali? Ou será que desta vez é sobre a vastidão ou sei lá o quê?

– Você está falando sério? – diz Charlotte.

Toby sorri e diz:

– Totalmente. É meu presente de formatura para vocês duas. Mas tem uma condição.

– Claro – digo, mas ele me ignora.

– Eu quero que vocês façam alguma coisa com a casa. Alguma coisa épica. E não estou falando de dar uma festa. Estou falando que alguma coisa grandiosa precisa acontecer aqui enquanto eu estiver fora.

– Tipo o quê? – pergunto.

Estou um pouco preocupada, mas também empolgada. Toby é o tipo de pessoa cuja grandiosidade faz os outros quererem subir o sarrafo. Tudo que ele faz acaba sendo um espetáculo, e foi assim que ele conseguiu passar de um bico de verão como funcionário de estacionamento para um emprego em tempo integral como assistente do gerente de locação. E aí, no mês passado, aos 22 anos, ele se tornou o mais jovem produtor de locação na história recente do estúdio.

– Isso é tudo que vou dizer sobre o assunto – diz ele. – O resto é com vocês.

Tentamos fazer mais perguntas, mas ele só se recosta e sorri. Portanto, a conversa muda para *A agência*, o filme para o qual ele vai procurar locações. Eu vou trabalhar no design de um cômodo para o filme, que vai ser meu maior trabalho até agora. É um filme de grande orçamento com um elenco jovem: Charlie Hayden, Emma Perez e Justin Stark, todos jovens atores importantes. É uma aventura de espionagem, mas o quarto que eu vou criar é o de uma das garotas quando ela ainda está no ensino médio, antes de todos se tornarem espões e começarem a viajar pelo mundo. Acho que o filme vai ser meio idiota, mas ainda assim estou empolgada. Algumas semanas atrás, Toby e eu fomos a uma festa com o diretor e todo o elenco e a equipe. Eu estava na companhia de estrelas cujo rosto está em pôsteres por todo o mundo. Esse é só um exemplo dos tipos de coisa que me acontecem por causa do Toby.

Cedo demais, há uma batida na porta de Toby, a porta que agora vai ser

minha por dois meses, e o motorista do estúdio carrega as malas dele para o porta-malas e leva meu irmão junto. Toby balança as chaves pela janela, olha para mim e diz:

– Épico.

O carro vai embora e nós acenamos, ele dobra a esquina e some. E eu e Charlotte ficamos no meio-fio em frente ao prédio.

Eu me sento no concreto ainda quente.

– Épico – digo.

– Nós vamos pensar em alguma coisa – diz Charlotte, se sentando ao meu lado.

Ficamos em silêncio por um tempo, ouvindo os vizinhos. Eles falam e riem, e logo uma música começa a tocar. Estou tentando afastar o sentimento pesado que está surgindo agora, que tem surgido com tanta frequência nos últimos tempos, mas estou tendo dificuldade. Alguns meses atrás, parecia que o ensino médio duraria para sempre, parecia que os planos para a faculdade eram para um futuro distante indistinto. Eu podia passar o tempo com Charlotte sem sentir um adeus se aproximando, podia curtir cada plano impetuoso com meu irmão, podia sair à noite para dirigir por Laurel Canyon com Morgan e me deitar debaixo de cobertores na caçamba da picape dela sem pensar que seria a última vez. Mas agora, a Universidade de Michigan vai tirar minha melhor amiga de mim em pouco mais de dois meses e meu irmão está indo para a Europa hoje e quem sabe para onde mais depois disso. Morgan está livre para beijar qualquer garota que queira. Eu esperava que a formatura desse uma sensação de liberdade, mas na verdade estou me vendo um pouco perdida.

Meu celular vibra. *Por que você não veio trabalhar?* Escondo o nome de Morgan na tela e ignoro o olhar indagador de Charlotte.

– Ei, a gente devia ouvir aquele disco que você pegou – digo.

– Bom jeito de evitar a pergunta – diz Charlotte.

– Patsy Cline parece o jeito perfeito de encerrar a noite – digo, o que é uma grande mentira. Não sei por que Charlotte gosta desse tipo de música.

Mas finjo entusiasmo quando ela tira o disco da capa e o coloca no toca-discos de Toby e abaixa a agulha. Nós nos deitamos no tapete branco peludo do Toby (comprei em um bazar de jardim impecável de Beverly Hills para o 21º aniversário dele, junto com uns copos de coquetel decorados) e escutamos Patsy cantar transbordando emoção. Cada música dura aproximadamente um minuto, e nós ficamos ouvindo uma música tocar atrás da outra. De verdade? Até que eu gosto. É tanta sofrência! Patsy sabia sobre o que estava cantando, certeza. Parece que ela *sabe* que no meu bolso há um celular com mensagens de uma garota que eu queria mais do que tudo que me amasse de verdade. Patsy está me dizendo que entende como é difícil não responder às mensagens de Morgan. Ela pode até estar dizendo: *A dignidade é superestimada. Sabe o que pisa na dignidade? Beijar.*

E eu posso estar fazendo promessas silenciosas para Patsy que se parecem com algo assim: *Na próxima vez que Charlotte se levantar para ir ao banheiro, eu vou enviar uma mensagem rápida. Uma bem curtinha.*

– Que música boa foi essa – diz Charlotte.

– Ah – digo. – É.

Mas não prestei muita atenção, porque Patsy e eu estávamos ocupadas, e eu juro que a música durou só uns *seis segundos*.

– Queria saber quem escreveu – diz ela se levantando e se espreguiçando e indo ver a capa do disco, que está encostada na caixa de som.

Acho que esse é o meu momento. Ela vai olhar a lista de músicas e obter a resposta e aí vai ao banheiro, e eu vou escrever uma coisa bem curta tipo: *Vamos conversar amanhã* ou *Eu ainda te amo*.

– Hank Cochran e Jimmy Key – diz. – Eu amo esses versos: “Se ainda te

amar significa que sou fraca, então eu sou fraca.”

– Uau – digo. Parece até que Patsy está me dando permissão de ceder aos meus sentimentos. – Tem a letra impressa? – pergunto, me sentando.

– Tem. Aqui. – Charlotte se aproxima e me entrega a capa do disco. Quando eu a pego, algo cai de dentro dela. Recolho o que caiu no tapete.

– Um envelope. – Verifico se está fechado. Está. Eu o viro e leio a frente.
– *“Na ocasião da minha morte, entregar em mãos para Caroline Maddox, na avenida Ruby, 726, apartamento F, Long Beach, Califórnia.”*

– O quê? – diz Charlotte.

– Ah, meu Deus – digo. – Você acha que o Clyde escreveu isso?

Nós estudamos a caligrafia por um tempo. É uma caligrafia de homem velho, cursiva e meio trêmula, mas caprichada. Considerando que: 1) Clyde morava sozinho, e 2) o disco pertencia a Clyde e, 3) Clyde era um velho que devia ter caligrafia de homem velho, concluimos que a resposta à minha pergunta é Definitivamente Sim.

A sensação que tive no escritório do Clyde volta. O envelope na minha mão é importante. Esse momento é importante. Não sei por quê, mas eu sei que é verdade.

– A gente tem que ir lá agora – digo.

– Pra Long Beach? A gente devia avisar ao corretor, você não acha? Devia mesmo ser a gente que vai fazer isso?

Balanço a cabeça.

– Eu não quero dar isso pra ninguém – digo. – Pode parecer loucura, mas lembra quando você me perguntou se eu estava bem mais cedo?

– Lembro.

– Eu tive uma sensação de que, sei lá, de que havia alguma coisa importante envolvida na minha presença lá na casa do Clyde Jones. Fora o fato de ter sido uma sorte incrível.

– Tipo destino? – pergunta ela.

– Talvez – digo. – Não sei. Talvez destino. Pareceu.

Charlotte me observa.

– Vamos só tentar – digo.

– Bom, já passa das dez. Seriam quase onze quando a gente chegasse lá – diz Charlotte. – A gente não pode ir hoje.

Eu sei tão bem quanto Charlotte que não podemos aparecer à porta de alguém às onze da noite com um envelope de um homem morto.

– Minha prova final de física é ao meio-dia e meia – digo. – E a sua?

– Meio-dia e meia – diz ela.

– Eu não posso ir depois porque eu tenho que ir buscar aquela estante de partitura e depois ir para o set. Acho que a gente vai ter que ir de manhã.

Charlotte assente e nós pegamos o celular para ver quanto tempo vai demorar pra chegar em Long Beach. Sem trânsito, seriam quase quarenta minutos, mas sempre tem trânsito, principalmente em uma manhã de dia de semana, o que significa que pode levar bem mais de uma hora, e nós temos que dar tempo para Caroline Maddox nos contar a história de vida dela, e temos que garantir que vamos voltar antes do início das provas, o que significa que temos que sair...

– *Antes das sete?* – digo.

– É – diz Charlotte.

Não ficamos muito animadas, mas tudo bem. Nós vamos entregar em mãos uma carta de um ator icônico falecido para uma mulher misteriosa chamada Caroline.

Capítulo dois

Pegamos a estrada às 6h55 com copos cheios do chá gelado de Toby, porque era isso ou um kombucha caseiro que nenhuma das duas teve coragem de experimentar. Toby faz ioga, come muita comida crua. É uma das áreas da vida em que nós divergimos, o que deve ser bom, porque somos parecidos em quase todos os outros jeitos: o amor pelo cinema, o amor por garotas, o nível de energia que as outras pessoas às vezes acham difícil de tolerar por períodos prolongados.

Eu e Charlotte passamos um tempo no trânsito arrastado da 405. Permito que Charlotte escute a rádio pública por vinte minutos, e quando estou de saco cheio das notícias, coloco The Knife, porque acredito piamente que os momentos importantes da vida ficam melhores com uma trilha sonora, e esse sem dúvida vai ser um desses momentos.

– Quem você acha que ela é? – pergunto, entrando na pista da direita. Charlotte está segurando o envelope de Clyde, estudando o nome de Caroline escrito na caligrafia cuidadosa.

– Uma ex-namorada, talvez? – diz. – Ela deve ser velha.

Tento pensar em outras possibilidades, mas Clyde Jones é famoso por ser meio recluso. Ele teve alguns casos famosos quando era jovem, mas isso é passado antigo, e todo mundo sabe que ele morreu sem família. Sem parentes no radar, não consigo pensar em muitas boas respostas.

Saímos da rodovia e pegamos a avenida Ruby.

– Estou ficando nervosa – digo.

Charlotte assente.

– E se for traumático pra ela? Talvez não tenha sido uma ideia muito boa fazer isso antes das nossas provas finais. E se Caroline precisar de nós ou desmaiar de choque ou alguma outra coisa assim?

– Duvido que isso vá acontecer – diz Charlotte.

Nenhuma das duas já esteve na avenida Ruby, e não sabemos o que

esperar. Mas, quando vamos nos aproximando do endereço, vai ficando mais claro que, quem quer que seja Caroline Maddox, ela não tem o mesmo tipo de vida que Clyde tinha. O número 726 é um daqueles prédios tristes que parecem motéis, dois andares com portas enfileiradas. Paramos na rua e olhamos para o apartamento pela janela aberta do meu carro.

– Talvez ela acabe sendo alguém que ele não conhecia tão bem. Tipo a garçonete de um restaurante ao qual ele ia muito. Ou talvez ele tivesse uma filha sobre quem ninguém sabia. Fruto de um caso, alguma coisa assim.

– É, talvez – diz Charlotte.

Saímos do carro.

Depois de subir pela escada preta de metal até o segundo andar e bater na porta do apartamento F, eu sussurro:

– Você acha que a gente pode perguntar o que tem dentro? Tipo pedir pra ela abrir na nossa frente?

Charlotte balança a cabeça dizendo que não.

– Então como a gente vai saber? A gente vai falar com ela depois?

– *Psii* – diz ela.

Quem abre a porta é um homem sem camisa, segurando um bebê apoiado no quadril.

– Oi – diz Charlotte, profissional, mas simpática. – Por acaso Caroline está em casa?

O homem olha para mim e para Charlotte, passa o bebê para o outro quadril. Ele tem cabelo meio comprido, um colar de concha. Um surfista que foi parar a quilômetros da praia.

– Desculpa – diz ele. – Não tem nenhuma Caroline aqui.

Charlotte olha para o endereço no envelope.

– Aqui é o número 726, não é?

– É. Apartamento F. Mas somos só nós três. A pequena June, eu e

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tudo me leva até você"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).